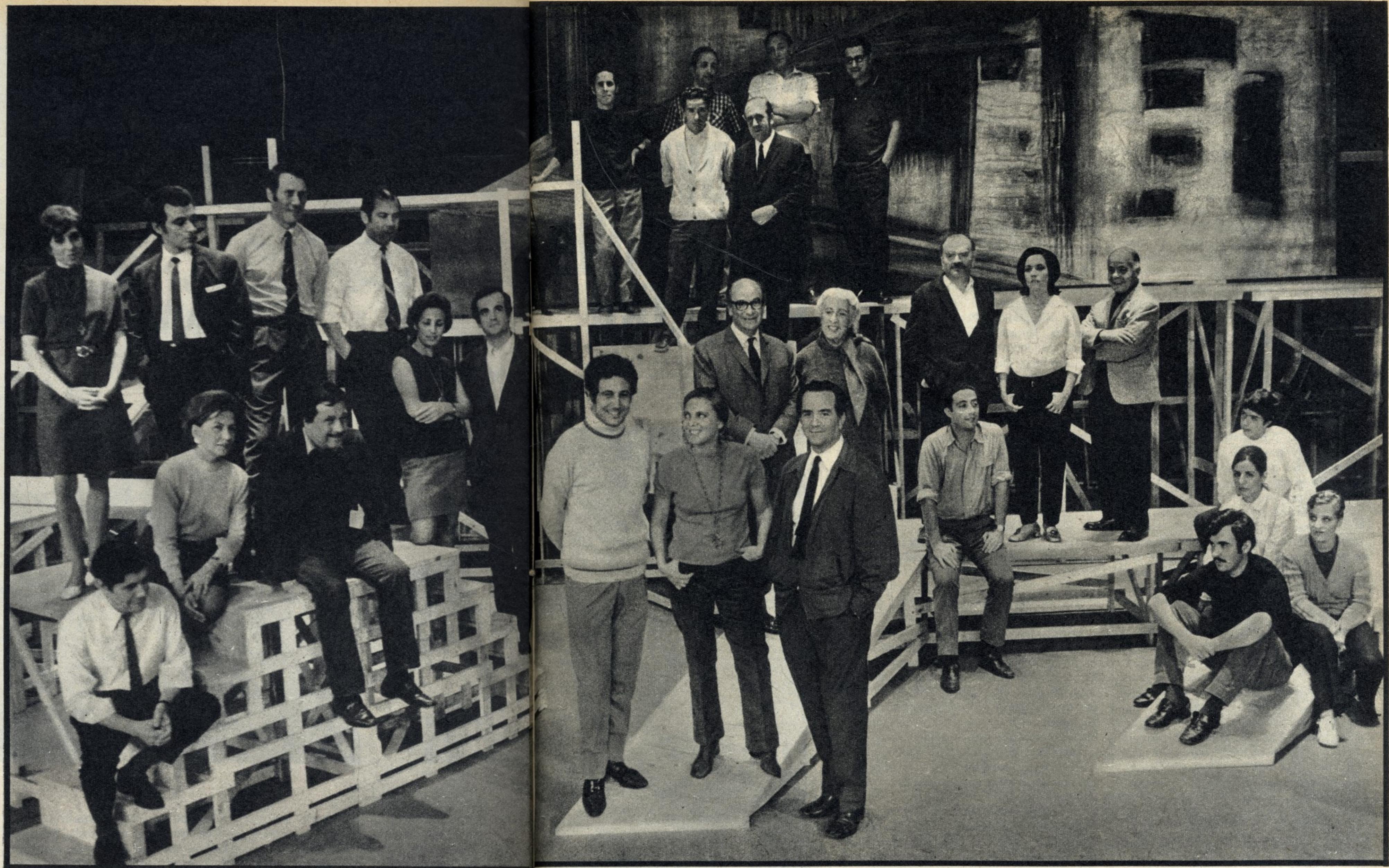
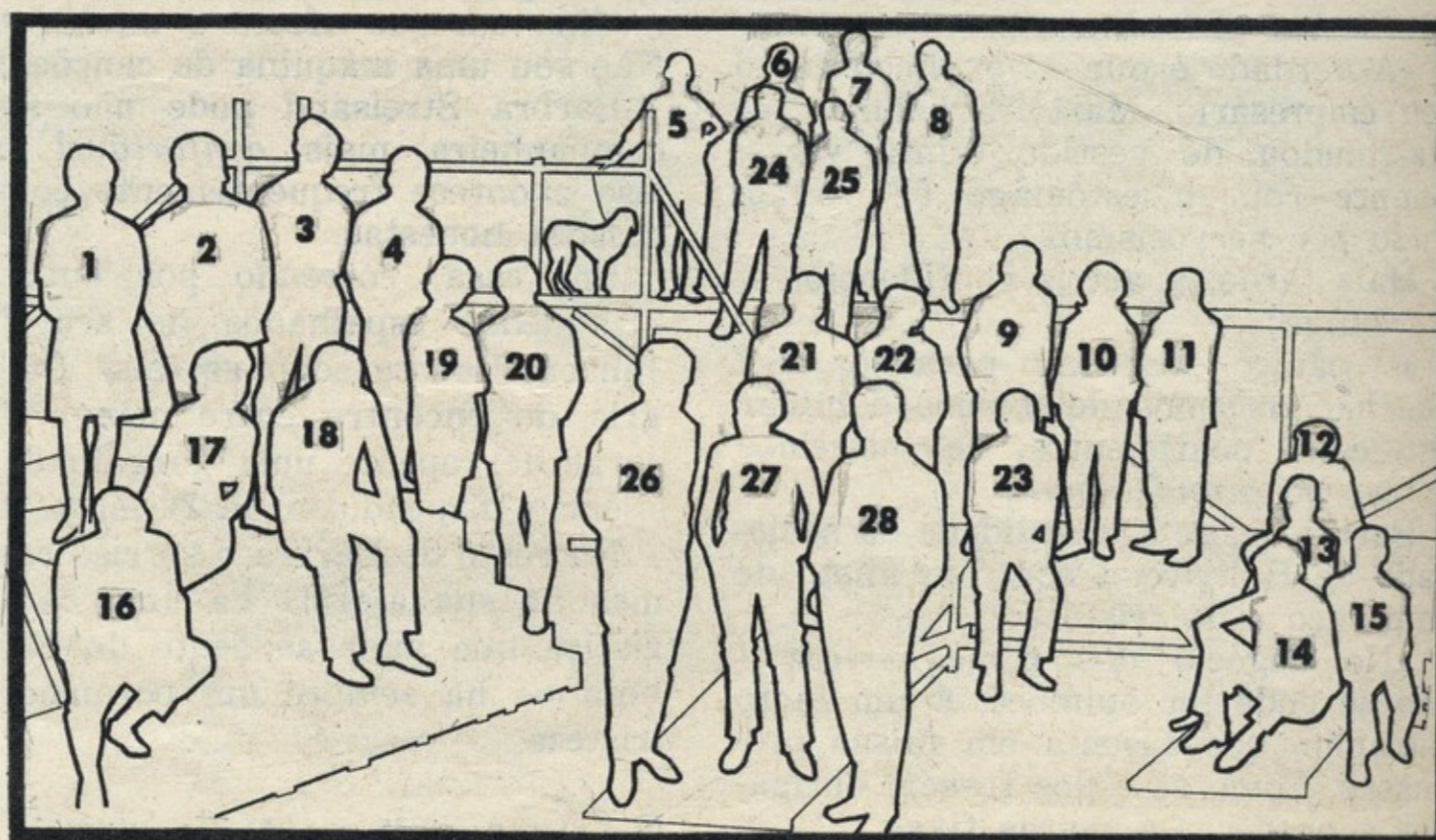


TEATRO MARIA MATOS: UM CORTEJO DE ESPERANÇAS



Igrejas Caeiro está à frente de uma nova companhia de teatro, num novo teatro de Lisboa, onde Mário Pereira e Lourdes Norberto são primeiras figuras



Uma nova companhia para um novo teatro. «Alguns deles serão dispensados, porque só esta peça exigia tão vasto elenco», declarou Igrejas Caeiro. Mas a vontade de todos seria continuar, e a maioria permanecerá. Identificação: 1 — Madalena Braga; 2 — Mário Sargedas; 3 — Ladislau Ferreira; 4 — Armando Venâncio; 5 — José de Oliveira; 6 — Amândio Lima; 7 — José Corte Real; 8 — Joaquim Samora; 9 — Ruy Furtado; 10 — Hermínia Tojal; 11 — Emílio Correia; 12 — Luís Testa; 13 — Emília Magalhães; 14 — Ilda Maria; 15 — Luís Machado; 16 — Gilberto Gonçalves; 17 — Adelaide João; 18 — José de Carvalho; 19 — Cremilda Gil; 20 — Pedro Pinheiro; 21 — Costa Ferreira; 22 — Elvira Velez; 23 — Vasconcelos Viana; 24 — Júlio Cleto; 25 — Fernando Soares; 26 — Mário Pereira; 27 — Lourdes Norberto; 28 — Igrejas Caeiro. Junto de José de Oliveira, a cadelinha Friska.

TEXTO ALMEIDA MARTINS / FOTOS ANTONIO XAVIER

Quando a Câmara Municipal de Lisboa pôs em praça o lote 879 da Avenida Frei Miguel Contreiras, com a obrigação de nele se construir uma sala de teatro em edifício misto, nem de longe sonhava com as estupendas instalações que esse teatro viria a ter.

A empresa arrematadora do lote entregou a elaboração dos projectos aos arquitectos Aníbal Barros Fonseca, Adriano Simões Tiago, Paiva Lopes e Alves Ferreira. Do enorme edifício faz ainda parte o cinema «Vox» e o Hotel Lutécia, além de um «snack-bar» anexo ao teatro e de um restaurante panorâmico no décimo terceiro andar.

TV PARA RETARDATÁRIOS

A sala de teatro, que recebeu o nome de Maria Matos por votação feita entre gente

ligada à arte de Talma, a 9 de Janeiro último, dispõe de uma lotação de 760 lugares, distribuídos por plateia e balcão. Para além da impressão de beleza que nos provoca a sala (com seus tons castanhos e negros, painéis almofadados nas paredes e no tecto), o Maria Matos está apetrechado com todos os requisitos para realizar qualquer género de espectáculos teatrais: palco elevatório e rotativo, equipamento de luzes que o coloca na vanguarda de todos os teatros portugueses. Alguns pormenores que só mais dificilmente saltarão à vista do público demonstram a um espectador atento que nada foi descurado: os camarins dos actores são espaçosos, equipados com ar condicionado e de fácil acesso para o palco; as instalações sonoras repre-

SEQUE

sentam a última palavra da técnica entre nós.

Uma inovação que nos parece digna de aplauso: dado que será posta em vigor a proibição de entrada na sala, seja a quem for, uma vez iniciado o espectáculo, um circuito fechado de TV permitirá aos retardatários assistir ao que entretanto se passa no palco, através dum «écran» instalado no átrio. Nos intervalos de mudança de cena, a entrada será permitida.

«Incomoda o actor ver alguém a mover-se na plateia. O actor não dá tudo o que pode...», declarou-nos Guilherme Ferrari, secretário da Empresa Tablado (Promoção de Artes Cénicas, Limitada), entidade a quem está entregue a exploração do Maria Matos. E Ruy Furtado explicar-nos-ia, mais tarde: «Vários teatros têm tentado esta medida de proibir a entrada durante o espectáculo, nomeadamente o Nacional e o Trindade; mas agora o público não fica totalmente prejudicado, uma vez que vê o espectáculo pela TV.»

UM CÃO QUE É VEDETA

Igrejas Caeiro, gerente e director de «Tablado», passou os últimos dias antes da estreia em permanente estado de tensão. A inauguração do teatro fora várias vezes adiada devido aos acabamentos da sala, que pareciam não ter um ponto final. Entretanto, os ensaios de «Tombo no Inferno» decorreram normalmente, por entre o entusiasmo dos actores, não só por se tratar de uma companhia nova mas, também, pelos requisitos de comodidade de que se vêem rodeados.

«Toda a gente que quer fazer teatro tem de se constituir numa companhia. E esta forçoso é que seja numerosa, porque a peça de estreia tem cerca de trinta personagens», lembra-nos Igrejas Caeiro, num dia de exacerbada excitação. Costa Ferreira, Elvira Velez, Emílio Correia, Igrejas Caeiro, Lourdes Norberto e Mário Pereira (por ordem alfabética) desempenham os principais papéis de «Tombo no Inferno», de Aquilino Ribeiro. Estes apenas? Não. A cadelinha Friska é uma das mais importantes «vedetas», uma vez que à sua volta se desenrola a acção da peça. Mestre Aquilino deu-lhe o nome de *Fonísca* e a curiosa coincidência da assonância permite que os actores a tratem por *Fonísca* sem que ela estranhe... «Ainda não é cadela é cachorra», disse-nos embevecido o sr. José de Oliveira, dono do animal.

FALAM OS ACTORES

Na peça, Mário Pereira, o protagonista, é o *Evaristo*, proprietário da cadelinha:

«O meu papel é o de uma pessoa comprometida entre o meio onde vive e o meio onde já passou. Não respeita os dogmas; é um indivíduo revoltado pelos actos, o que provoca na sociedade o desejo de o eliminar. Daí resulta a tragédia. Não há dúvida de que se trata de uma personagem complexa.

Sempre que faço um papel, ele é importante para mim: é uma luta que é preciso vencer. É importante, sobretudo, que um papel seja, como este, de fácil comunicação com o povo. Até porque se trata de uma companhia nova, do começo de um novo teatro.

A peça é acessível e tem força. Pena é que seja a única de Aquilino, que, apesar de tudo, se aperfeiçoou mais no romance. Se ele estivesse presente nesta grande evolução que está a acontecer no nosso Teatro, faria ainda melhor. Hoje, compete ao Teatro fazer despertar no público o interesse pelos problemas de todos nós.

Começamos, como é do conhecimento do público, por ensaiar «A Relíquia», adaptação de Luís Ramos do romance de Eça de Queirós. Porém, por razões também já conhecidas, começaremos pelo «Tombo no Inferno», a que se seguirá, então, «A Relíquia».

Claro que estou satisfeítissimo. Se, ultimamente, tenho andado afastado dos palcos é porque não me têm agradado as propostas que venho recebendo.»

Lourdes Norberto, por seu turno, declarou-nos, também, que admirava imenso Aquilino.

«Mas em teatro interessa-me fazer tudo — continuou. — Depois de «Sabina Freire» não fiz mais nada. Gosto muito de estar aqui. O ambiente é estupendo, e há muito que queria trabalhar com Igrejas Caeiro. Espero que esta peça seja um êxito, aquele êxito que, no ensaio, se pode já antever.»

No palco, Mário Pereira, «afastado da sociedade», lançava para o ar o desespero da figura que incarna. Júlio Cleto é um dos cabos-de-ordens que guardam o «prisioneiro», e havia de dizer-nos, mais tarde:

«É dos papéis mais importantes da peça. E gosto dele. A propósito, considero que «Tombo no Inferno», embora se reporte a uma época mais ou menos distante, é uma peça cheia de oportunidade, reveladora do primitivismo e da superstição de que ainda hoje enferma o povo português. Em relação ao empreendimento do «Tablado», considero-o um autêntico feito heróico nos tempos que vão correndo. Só um acrisolado amor ao Teatro pode levar um artista a trocar a pacatez da sua vida económica estabilizada pelo constante sobressalto que são estas andanças do Teatro em Portugal.»

Ruy Furtado também se encontra satisfeito pela constituição da nova companhia:

«Além do mais, vim aqui encontrar velhos amigos, com quem já tinha trabalhado, mas há longos anos. Alegro-me igualmente o facto de ser a concretização de um velho sonho do meu amigo Igrejas Caeiro. Tenho muitas esperanças de que o público corresponda e saiba compreender o enorme esforço que uma iniciativa destas acarreta, o grande risco que a empresa teve de correr para levantar um teatro como este, para fornecer ao público bons espectáculos, rodeando-o das maiores comodidades.»

A euforia sobe em espirais nos bastidores do Maria Matos. Igrejas Caeiro não abandona o palco, corrigindo aqui uma entoação, acolá um gesto. Também ele desempenha, aliás, um pequeno papel. Os restantes actores, esses vão entrando e saindo, conversando nos camarins, tomando café no bar.

«Gosto de cá estar — confidenciou-nos Hermínia Tojal. — Faço o papel de uma mulher muito má, mas gosto... Antes do «Tombo»? Tinha estado no Trindade duas épocas, no Nacional. No Verão, trabalho geralmente na Companhia da Estufa Fria, onde fiz «Bicha de Rabião» e «Sol na Floresta». Quando começámos a ensaiar o «Tombo no Inferno» ainda representava o «Sol na Floresta». Constituiu para mim um grande esforço ensaiar aqui, à tarde, uma peça e ir representar outra à noite.

Sempre me têm tratado aqui o melhor possível. O Igrejas Caeiro falou comigo e eu achei engraçado trabalhar com ele. Gostaria de ficar na companhia. Aliás, já tenho um papel na «Relíquia». O nosso contrato é anual.»

ENCONTRO COM A NOVA COMPANHIA DE TEATRO



Costa Ferreira também parece disposto a permanecer:

«Em todas as companhias de profissionais me sinto bem. Aliás, tenho contrato por um ano. Gosto do meu papel e gosto de trabalhar com o Igrejas Caeiro, que já provou ser um homem de Teatro e de bem. Também a peça de estreia me agrada e admiro o autor, que foi um escritor que amou e serviu realmente o seu povo e a sua terra.»

Elvira Velez mostra-se contentíssima por «trabalhar com o meu filho (ou genro, mas é como se fosse um filho) e por este novo teatro ter o nome de Maria Matos, uma das minhas professoras e amigas. Espero que o público corresponda.»

Uma peça nova é sempre uma esperança de êxito. E um entusiasmo visceral posto por uma equipa num texto, numa encenação, num simples gesto. «Tombo no Inferno» é uma esperança e um entusiasmo maior que todos, porque inaugura uma nova sala de Teatro, uma nova companhia e — porque não dizer, se é verdade? — todo um cortejo de outras esperanças que se seguirão na vida de uma companhia de Teatro honesta que se quer longa, longa, longa como a história do Teatro e da vida.



Mário Pereira: «Evaristo não respeita os dogmas da sociedade em que vive e é um indivíduo revoltado pelos actos, o que provoca na sociedade o desejo de o eliminar.»



Mário Pereira, Lourdes Norberto e Igrejas Caeiro, três figuras dominantes na nova companhia portuguesa de teatro.

Adelaide João (de costas), Elvira Velez e Hermínia Tojal rezam pela salvação da aldeia «endemoninhada» por Mário Pereira.